


* Possui Graduação em Teologia pelo Instituto de Teologia e Pastoral (1987). Graduação em Filosofia - Faculdade de Ciências Humanas Arnaldo Busato (1988). Pós-Graduação em Teologia Bíblica, habilitação em Metodologia do Ensino Bíblico pela Universidade Católica de Pelotas e Instituto de Teologia e Pastoral de Passo Fundo - ITEPA (1992). Mestrado em Teologia Dogmática com Concentração em Estudos Bíblicos pela Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção (2000). Pós-Graduação em Metodologia Pastoral pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões - URI (2009).

E-mail: pjcarlesso@yahoo.com.br

 <https://orcid.org/0000-0002-1378-9288>

Recebido em 07/10/20

Aprovado em 06/01/21

RUTE

“Para onde fores, irei também!” (1,16)

RUTH

“Where you go I will go” (1,16)

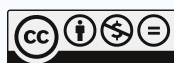
*Jair Carlesso**

Resumo: O presente artigo aborda o livro de Rute, provavelmente memória feminina, contextualizando-o literariamente, historicamente e na liturgia judaica. Trata-se de um livro proveniente da vertente sapiencial, embora não situado entre os Sapienciais. O significado dos nomes dos personagens bem como a relação entre eles no percurso narrativo constitui-se numa leitura da realidade do povo no contexto pós-exílico do domínio persa. O autor, anônimo, quer ajudar os pobres de sua época a encontrarem uma saída diante do contexto de exploração persa, que não se encontrava na Lei de Esdras, mas no resgate de algumas leis clânico-tribais, como a da respiga e do direito de resgate, trazidas para dentro de um novo momento histórico. O livro faz ver que a solução para a situação do povo era fruto de um processo, que implicava consciência histórica, resgate dos direitos sociais e a posse da terra, efetivada com o casamento de Rute com Booz.

Palavras-chave: Fome. Migração. Respiga. Direito de resgate. Casamento.

Abstract: This article discourses about the book of Ruth, probably a female memory, contextualizing it literarily, historically and in the Jewish liturgy. It is a book from the sapiencial aspect, although not located among the Sapientials. The meaning of the names of the characters as well as the relationship between them in the narrative path constitutes a reading of the reality of the people in the post-exilic context of the Persian domain. The author, anonymous, wants to help the poor of his time to find a way out in the context of Persian exploitation, which was not found in the Law of Ezra, but in the recover of some clan-tribal laws, such as that of gleaning and the right to redeem, brought into a new historical moment. The book shows that the solution to the situation of the people was the result of a process, which implied historical awareness, redemption of social rights and the possession of land, effected with the marriage of Ruth and Booz.

Keywords: Hunger. Migration. Gleaning. Redemption right. Marriage.



INTRODUÇÃO

“Os textos bíblicos foram escritos para serem lidos e, por conseguinte, interpretados”. Por isso, “cada leitura faz brotar um manancial inesgotável de sentidos. Sem leitores e leitoras intérpretes - pessoas e comunidades -, os textos bíblicos permaneceriam letra morta. Lidos e interpretados, têm a força de se tornarem Palavra de Deus”¹. Assim é que deve ser entendido o pequeno livro de Rute, portador da Palavra Viva de Deus, tanto no ontem quanto no hoje da história.

O livro de Rute relata, de forma sintética, uma história familiar. Trata-se da “trajetória de uma família que precisou migrar para fora da Terra Prometida a fim de sobreviver”². O cenário onde a história acontece é o campo. A maior parte desta história se dá no tempo das colheitas. Pela importante atuação das mulheres no percurso narrativo, provavelmente o livro seja memória feminina. “É uma história muito fina, inteligente, cheia de surpresas, do começo ao fim, contada por uma pessoa que sabia dar o seu recado”³.

Três personagens dominam as cenas do livro. Noemi e Rute formam um primeiro par, central nos capítulos 1 e 2. Rute e Booz formam um segundo par, que tem destaque nos capítulos 3 e 4. Entre todos os personagens há uma relação de amizade, comprometimento, cooperação, partilha e busca de solução.

Sua estrutura, em quatro capítulos, sugere que possa ter sido primeiro um conto, transmitido oralmente. Os três primeiros capítulos começam e terminam com referências ao tempo das colheitas. O quarto relata um casamento, ao qual se acrescenta uma genealogia.

Proveniente da vertente sapiencial, o livro de Rute resgata alguns princípios fundamentais da vida clânico-tribal da época dos juízes (1200 a 1030 a.C.) para fortalecer a luta e a resistência do povo pobre na época persa (538 a 333 a.C.). Ao mesmo tempo, conforme Patrícia Z. R. Martins,

estamos diante de uma história atual, que nos coloca em contato com o drama da migração de tantas pessoas que fogem de seus países não só devido as guerras que matam e destroem, mas também por causa da pobreza e da impossibilidade de prover e assegurar o futuro das suas famílias. Hoje, assim como no tempo de Rute e Noemi, há tantas pessoas famintas, marginalizadas e excluídas por sistemas políticos, econômicos e religiosos que massacram os mais pobres em vista dos interesses dominantes. A história dessas mulheres permanece atual, seu heroísmo convida o leitor de hoje a não se conformar com as injustiças sociais que lhe são impostas por qualquer sistema que se mostre opressor⁴.

Se “fome na terra sempre foi um problema sério, fome em casa de viúvas é uma situação gravíssima. Elas [Noemi, Orfa e Rute] enfrentaram crises como as nossas que ameaçam diariamente a sobrevivência [...]. Um esgotamento de forças, de emoções, mas não de esperanças. Essas viúvas nos mostram que enquanto há vida há esperança”⁵.

1 O CONTEXTO DO LIVRO DE RUTE

Para a compreensão do livro, há de se levar em conta o contexto literário, sua localização na Bíblia, seu contexto histórico e também trazemos alguns aspectos de sua leitura na tradição judaica.

1 Jaldemir VITÓRIO, A narratividade do livro de Rute, In: *Estudos bíblicos*, n.98, p.85.

2 Patrícia Z. R. MARTINS, Deus visitou o seu povo dando-lhe pão: a luta pela sobrevivência no livro de Rute, In: *Estudos bíblicos*, v.35, n.137, p.58.

3 Carlos MESTERS, *Rute, uma história da Bíblia*, p.4.

4 Patrícia Z. R. MARTINS, Deus visitou o seu povo dando-lhe pão: a luta pela sobrevivência no livro de Rute, In: *Estudos bíblicos*, v.35, n.137, p.58-59.

5 Lília Dias MARIANNO, Sogra e nora: parceiras? Viúvas e estrategistas sobrevivendo à fome (Rut), In: *Ribla*, v.66, p.117.

1.1 O contexto literário de Rute

Na Bíblia Hebraica, o livro de Rute está situado entre os Escritos, em hebraico, os *Ketubim*. Encontra-se entre o livro dos Provérbios e o livro de Cântico dos Cânticos. “Sua colocação dentro do cânon hebraico, depois do livro dos Provérbios e antes do Cântico dos Cânticos, parece ter sido proposital”. Há uma “relação de continuidade” entre a “mulher forte” (*eshet hail*) de Pr 31,10 e a de Rt 3,11. Nos dois relatos, há “uma mulher decidida e forte, capaz de administrar e defender a ‘casa dela’ e garantir o futuro do seu povo”. Além disto, a mulher “que aparece na primeira coleção do livro dos Provérbios (Pr 1-9), a mulher sábia que aconselha seu filho (Pr 31,1-9) e a mulher forte que administra a sua casa com competência (Pr 31,10-31) estão concretizadas, embora com formas literárias diferentes, na história contada pelo livro de Rute”⁶.

Há também elementos que ligam Rute com Cântico dos Cânticos, como a “casa da mãe” (Rt 1,8 e Ct 3,4; 8,2). Há, portanto, entre estes livros uma linguagem comum. “Nos dois livros (Rute e Cântico dos Cânticos) a mulher tem a palavra, age com autonomia e busca conduzir sua vida de maneira sábia”, além de, nos dois livros, haver cânticos de mulheres (Rt 4,14-15)⁷.

Na Bíblia Grega - a Septuaginta, na Bíblia Latina - a Vulgata, e nas traduções modernas da Sagrada Escritura, o livro de Rute encontra-se entre os livros Históricos de Juízes e 1Samuel. O objetivo da Septuaginta é dar uma ordem cronológica aos conteúdos. Isso se deve ao fato de Rute, em 1,1, iniciar mencionando o “tempo em que os juízes governavam” e, em 4,17, relatar que o filho de Rute, Obed, “foi pai de Jessé, pai de Davi”, e o v. 22 encerra o livro dizendo: “E Obed gerou Jessé e Jessé gerou Davi”. Por isso a Bíblia Grega o situa entre Juízes e 1Samuel.

1.2 O contexto histórico de Rute

Pela narrativa inicial do texto (1,1) e por suas palavras finais (4,17.22), o livro de Rute, por muito tempo, foi considerado um livro que tratava do período pré-monárquico, época dos juízes.

Por sua vez, “a data em que o livro foi escrito não é uma questão totalmente resolvida, mas há muitos argumentos em favor da época pós-exílica, quando Judá estava sob domínio persa”. Ao mesmo tempo, “além de ter sido escrito na época persa, o livro estaria tratando de problemas típicos da comunidade judaíta na época persa”. Por isso, vários especialistas situam “o livro por volta de 450 a.C.”⁸. Para Mesters, ele foi escrito “em torno do ano 450 antes de Cristo, isto é, mais ou menos 100 anos depois do fim do cativeiro”⁹. Neste contexto ocorreu a profecia de Malaquias (460 a.C.), a reforma de Esdras (458 a.C.) e de Neemias (445 a.C.).

Esdras, Neemias e Malaquias centraram suas preocupações na observância da Lei e nela, o culto e a proibição dos casamentos mistos: “Rendei graças a Javé, o Deus dos vossos pais, e executai a sua vontade separando-vos dos povos da terra e das mulheres estrangeiras” (Esd 10,11). Parece não se preocuparem com o contexto de escravização do povo pela política persa. Além de defenderem uma postura de fechamento de Israel aos povos estrangeiros, tidos como impuros, com os quais não deveria haver nenhum tipo de relação. A estes comportamentos contrários aos estrangeiros, “o livro de Rute

6 Mercedes LOPES, O livro de Rute, In: *Ribla*, v.52, p.89.

7 Mercedes LOPES, O livro de Rute, In: *Ribla*, v.52, p.90.

8 Airton José da SILVA, Leitura socioantropológica do livro de Rute, In: *Estudos bíblicos*, v.98, p.111.

9 Carlos MESTERS, *Rute, uma história da Bíblia*, p.18.

rompe com o conto de uma moabita que se torna uma exemplar fiel a Iahweh e antepassada de Davi”¹⁰.

O relato de Ne 5,1-5 descreve a situação do povo nesta época. O texto apresenta-se como o grito dos pobres, pois eles precisavam “penhorar” os filhos/as, os campos, as vinhas, as casas e tomar dinheiro emprestado para poder comprar trigo, comer, sobreviver e pagar os tributos ao rei. Era um povo reduzido à escravidão - “temos que entregar à escravidão nossos filhos/as” (v.5); tornado impotente - “não podemos fazer nada” (v.5) e jogado na pobreza - “nossos campos e nossas vinhas pertencem a outros” (v.5). O contexto histórico-social percebido em Rute faz ver “um tempo de fome, migração, pobreza e falta de esperança [...]. Os problemas básicos eram: terra, pão e família”¹¹.

Diante deste complexo contexto, havia diversas propostas de reconstrução do povo, com a finalidade de garantir a identidade israelita, desfeita com o exílio babilônico e o desencadeamento da diáspora judaica. Segundo Airton José da Silva e Carlos Mesters¹², destacavam-se três:

- a de Zorobabel e Josué, com o apoio de Ageu e de Zacarias: ligada à reconstrução do Altar e do Templo de Jerusalém, como centro da vida religiosa e também social (Ag 1,1-15a; Zc 4,1-6.10-14; Esd 3,1-13); trata-se da reconstrução do povo em torno do culto;

- a de Esdras: ligada à organização da comunidade judaica em torno da observância Lei mosaica (Esd 9-10; Ne 8,1-18), que, dentre outras prescrições, rompia qualquer relação com o estrangeiro, por isso a dissolução dos casamentos mistos;

- a de Neemias: ligada à reconstrução da cidade de Jerusalém e de suas muralhas, além de pedir aos ricos devolverem terras alienadas e perdoar dívidas de agricultores empobrecidos (Ne 5,1-19); tratava-se da reconstrução do povo a partir da observância da lei do ano jubilar.

Estas propostas não foram aceitas pelos autores do livro de Rute, pois não propunham mudanças estruturais, antes, estavam em sintonia com a política imperial persa. A teologia da retribuição, defendida por Esdras e Neemias, era a ideologia que favorecia a política persa, pois isentava o império das reais responsabilidades pela situação de empobrecimento e escravidão do povo. Por isso, diante deste contexto, o livro de Rute “aparece como uma grave denúncia da ‘grande disciplina’. Ele é um convite a buscar outros caminhos, um exemplo vivo de criatividade”¹³.

O livro de Rute não faz nenhuma referência ao templo, a Jerusalém, ao culto, aos sacerdotes. Diante do contexto em que foi escrito, resgata as leis clânico-tribais, sufocadas pela ideologia persa, mas que garantiam os direitos dos pobres e abriam uma perspectiva para a inclusão das mulheres estrangeiras.

Rute era uma “mulher estrangeira” que, conforme a reforma de Esdras, não teria espaço em Israel. No livro, ela é uma “mulher forte”, que colabora com a construção do povo explorado, investindo sua vida nisto. Este livro é uma resposta ao contexto de destruição do povo de Israel pelo império persa através de lideranças israelitas cooptadas para atuarem em favor da política persa.

Com a deportação babilônica, “o povo perdeu tudo e teve que se organizar em outras bases”. No pós-exílio, a identidade do povo foi sendo construída “em torno da memória”. E

10 Mercedes LOPES, O livro de Rute, In: *Ribla*, v.52, p.91.

11 Lília Dias MARIANNO, Sogra e nora: parceiras? Viúvas e estrategistas sobrevivendo à fome (Rut), In: *Ribla*, v.66, p.118.

12 Airton José da SILVA, Leitura socioantropológica do livro de Rute, In: *Estudos bíblicos*, v.98, p.117-118; Carlos MESTERS, *Rute, uma história da Bíblia*, p.23-25.

13 Carlos MESTERS, Casos de imaginação criativa, In: *Estudos bíblicos*, v.42, p.23.

a narrativa de Rute “foi uma das histórias perpetuadas na memória do povo israelita que foi guardada e transmitida, oralmente, por vários séculos, até ser escrita”¹⁴.

1.3 O livro de Rute na liturgia judaica

Segundo o rabino Leonardo Alanati, da Congregação Israelita Mineira, “toda vez que lemos a *Torá* em público rezamos para que Deus a entregue no presente, e não no passado, porque quando alguém aceita seus ensinamentos e mandamentos, Deus a transmite como no Monte Sinai”. Entende-se, portanto, que “a revelação divina é contínua e não um evento acabado, que ocorreu nos primórdios da formação de Israel”¹⁵.

Para o rabino, “a importância e a popularidade” dos textos bíblicos são demonstradas “na escolha das partes a serem usadas na liturgia”. “Lemos a *Torá* na íntegra durante o período de um ano (algumas sinagogas durante três anos). Lemos seleções dos Neviim [Profetas] após a leitura da *Torá* nos sábados e nas festas judaicas”. Por sua vez, “apenas cinco livros da terceira parte da Bíblia Hebraica e diversos salmos são incluídos na liturgia. O livro de Rute foi selecionado para ser lido na festa de *Shavuot*”, ou das Semanas, ou do Pentecostes, cinquenta dias após a Páscoa¹⁶ (Dt 16,9-12), lembrando a entrega da Lei no monte Sinai¹⁷.

2 ORGANIZAÇÃO LITERÁRIA DE RUTE

O livro, no seu todo, menos o acréscimo final (4,18-22), é uma unidade inteiramente coerente. Com análises e enfoques próprios, tanto Carlos Mesters quanto Airton José da Silva trabalham com a mesma estruturação do texto. A estruturação concêntrica de diversas subunidades do relato ajuda a perceber os aspectos centrais das referidas partes. Para auxiliar em nossa análise, apresentamos essa proposta:

- Quadro inicial: 1,1-5 > crise: falta pão, terra, filho

- a) 1,1-2a: Elimelec e a família migram para Moab
- b) 1,2a-3: chegada em Moab e morte de Elimelec
- c) 1,4-5a: casamento e morte dos filhos: 10 anos
- d) 1,5b: Noemi ficou só com as noras

- 1º passo: 1,6-22 > voltar a Belém em busca de pão

- a) 1,6-7: introdução: começo e motivo da volta
- b) 1,8-14: lamento de Noemi com as noras
- c) 1,15-18: Rute opta ficar com Noemi e voltar a Belém
- b') 1,19-21: lamento de Noemi com mulheres de Belém
- a') 1,22: conclusão: termina a volta, tempo da colheita

- 2º passo: 2,1-23 > recuperar o direito da respiga

- a) 2,1-2: introdução: Rute e Noemi planejam a ação
- b) 2,3: Rute respiga no campo de Booz
- c) 2,4-7: diálogo de Booz e empregados sobre Rute
- d) 2,8-14: conversa entre Booz e Rute

14 Maria Aparecida de CASTRO, Rute, símbolo da força feminina, In: *Estudos bíblicos*, v.29, n.114, p.113.

15 Leonardo ALANATI, Releituras rabínicas do livro de Rute, In: *Estudos bíblicos*, v.98, p.75.

16 Os demais livros são: *Cântico dos Cânticos*, na festa da Páscoa; *Eclesiastes*, na festa dos Tabernáculos; *Lamentações*, no aniversário da destruição do Templo; e *Ester*, na festa dos Purim.

17 Leonardo ALANATI, Releituras rabínicas do livro de Rute, In: *Estudos bíblicos*, v.98, p.72.

- c’) 2,15-16: diálogo de Booz e empregados sobre Rute
- b’) 2,17: Rute respiga no campo de Booz
- a’) 2,18-23: conclusão: Rute e Noemi revisam a ação
- **3º passo: 3,1-18 > a noite na eira: recuperar o direito de resgate das pessoas - levirato**
 - a) 3,1-6: Noemi e Rute planejam a ação
 - b) 3,7-8: Booz e Rute na eira
 - c) 3,9-13: diálogo entre Booz e Rute sobre o resgate
 - b’) 3,14-15: Booz e Rute na eira
 - a’) 3,16-18: Noemi e Rute revisam a ação
- **4º passo: 4,1-12 > o tribunal à porta da cidade: recuperar o direito de resgate da terra - goelato**
 - a) 4,1-2: constituição do tribunal
 - b) 4,3-4: Booz informa o Fulano e ele aceita resgatar a terra de Noemi
 - c) 4,5-8: o resgate da terra implica no resgate da pessoa, casar com Rute: e ele se recusa
 - b’) 4,9-10: Booz informa o tribunal e aceita resgatar a terra de Noemi
 - a’) 4,11-12: o tribunal ratifica a decisão de Booz
- **Quadro final: 4,13-22 > casamento: há pão, terra, filho**
 - a) 4,13: casamento de Booz e Rute e nascimento de Obed
 - b) 4,14-15: aclamação das mulheres
 - c) 4,16: Noemi assume Obed como seu filho
 - d) 4,17: proclamação das mulheres
 - e) 4,18-22: apêndice

3 O TEXTO E A PROPOSTA DE RUTE

O que é importante levar em conta na leitura do livro de Rute? Um texto transmite sua proposta a partir de seu conteúdo e estruturação interna, a partir de seu contexto de origem e também a partir de sua linguagem. “Rute é uma ficção, e melhor dizendo, é uma novela. Como novela, independentemente da época em que foi ambientada, tenta retratar aspectos da vida cotidiana”. Diante disto, pode-se dizer que “Rute é uma novela, ambientada na época dos juízes, que retrata a situação de vida das mulheres no período pós-exílico. Está recheada de muitas tradições antigas das tribos de Israel e que foram sendo preservadas através dos séculos”. Certamente que muitas destas tradições “estavam sendo esquecidas e é em defesa da vida que os protagonistas resgatam estas antigas leis”. Rute “é a verdadeira heroína desta história resgatando para Noemi a alegria da vida e dando a esta uma descendência”¹⁸.

Rt 1,1-5: a realidade do povo sob os persas

O livro de Rute inicia apontando um contraste: em Belém, a casa do pão, havia fome, pois faltava pão. “Ao afirmar que não havia pão na casa do pão, já se está indicando que há algo errado. Para escapar da fome, a saída da pequena família é partir para Moab, que na época dos juízes chegou a ser um inimigo de Israel (Jz 3,12-30)”¹⁹. Nem a reforma de Esdras e nem o profeta Malaquias estavam preocupados com isto. Para eles o problema maior parecia ser a questão dos “casamentos mistos” e propunham sua ruptura como saída. Rute inicia, portanto, mostrando haver um grave problema na sociedade.

18 José Josélio da SILVA, Rute e Noemi, o resgate das leis na defesa das relações afetivas e a união civil entre pessoas do mesmo sexo, In: *Estudos bíblicos*, v.87, p.48-49.

19 Mercedes LOPES, O livro de Rute, In: *Ribla*, v.52, p.97.

Os problemas vividos por essa família apontam para a situação do povo de Judá na época persa e ao longo da história. O significado dos nomes ajuda a identificar essa questão²⁰. Era um povo sem pão e sem terra, enfermo (Maalon) e frágil (Quelion), que vivia errante. Elimelec e Noemi, com os filhos, migraram por causa da fome. Migraram em busca de pão, de sobrevivência. Essa história lembra a de Abraão e Sara, que também migraram por causa da fome (Gn 12,10), e a de Jacó e seus filhos: “Viemos habitar nesta terra porque não há mais pastagem para os rebanhos [...] e a fome, com efeito, assola a terra de Canaã” (Gn 47,4). Além disto, relata o Gênesis: “Não havia pão em toda a terra, pois a fome tornara-se muito dura e a terra do Egito e a terra de Canaã desfaleciam de fome” (Gn 47,13). A morte de Elimelec, Maalon e Quelion, os três homens e maridos, indica que eles representam um povo que perdeu todas as forças e seguranças.

Para o povo explorado da época persa, o livro de Rute apresentou-se como um convite à esperança. Como no passado, no tempo de Abraão, de Jacó, de Moisés, Deus continua libertando hoje e, como no passado, o povo não pode se acomodar na miséria, achando que não pode ou que não adianta fazer nada. Rute aponta para a continuidade da história.

O relato de 1,1-5 indica que “Noemi ficou sozinha, sem filhos e sem marido”. Sem filhos significa sem futuro e sem marido indica sem segurança. Ela é figura do povo que havia ficado órfão. Seu presente era sofrimento e dor. Naquele contexto, assim se expressou Jó: “Por que não fechou as portas do ventre para esconder à minha vista tanta miséria!” (Jó 3,10); “Por que foi dada a luz a quem o trabalho oprime e a vida a quem a amargura aflige!” (Jó 3,20). Sem o marido e sem os filhos, Noemi ficou somente com a companhia das noras. Isto indica que os pobres, em todos os tempos, têm apenas a companhia dos pobres, sem nenhuma garantia de futuro, sem nenhuma segurança.

O relato retrata um povo sem pão (fome), sem terra (migrante), sem saúde (doença), sem forças (fraco), sem companhia (ficou só), sem vida (morto). Trata-se de uma realidade de total desamparo. Para o livro de Rute, a saída não se encontrava no projeto de Esdras, Neemias e de Malaquias e, por outro lado, não podia ficar acomodado, achando que a solução viesse por si! Muitos diziam: “Não podemos fazer nada!” (Ne 5,5). O que fazer, então? Na sequência, o livro de Rute aponta quatro passos importantes.

1º) Rt 1,6-22: “voltar” para Belém

“A viuvez das três mulheres exige uma tomada de decisão. O que fazer? A judaíta Noemi, informada de ter passado o tempo de penúria no país natal, opta por voltar”²¹. É o que descrevem os v.6-7. Eles apontam para uma abertura de horizontes, pois há uma nova consciência: “Deus visitou seu povo dando-lhe pão” (v.6b). Diante desta possibilidade, Noemi tomou a decisão de “voltar” para Judá, de “sair” dos Campos de Moab, de “pôr-se a caminho”, “voltar” para Belém. O livro de Rute mostra, assim, a itinerância da vida. Ao mesmo tempo, encontramos aqui a temática do “êxodo”. Trata-se de um novo êxodo: Deus visitou o seu povo e o fez caminhar, impulsionando-o a fazer algo em vista de um futuro melhor.

Nos v.8-14, Noemi sentiu-se abatida, velha, sem esperança, amargurada. Ela teve um carinho muito grande para com as noras. Chamou-as três vezes de “minhas filhas” (v.11.12.13). Pela bondade com que elas trataram seus maridos, Noemi desejou-lhes o melhor: “voltai cada qual para a casa de sua mãe” (v.8) e cada uma possa “encontrar descanso na casa de um marido” (v.9). Noemi queria que elas “voltassem” para o seu povo e lá se casassem novamente. Significa que ela “não pensa em si mesma, mas se preocupa pelo futuro das duas jovens [...]. À ternura com que Noemi sente pelas jovens mistura-se a

20 Carlos MESTERS, Casos de imaginação criativa, In: *Estudos bíblicos*, v.42, p.23.

21 Jaldemir VITÓRIO, A narratividade do livro de Rute, In: *Estudos bíblicos*, v.98, p.86.

amargura por não poder ajudá-las a sair daquela situação de viuvez e de desamparo na qual ela mesma se encontrava (1,13)²². Orfa acolheu seu recado: “voltou” (v.14).

Os v. 15-18 formam o centro dessa subunidade. Ao decidir ficar com Noemi e com ela ir/voltar a Belém, Rute fez a maior opção de sua vida. Essas palavras são centrais: “Não insistas comigo para que te deixe, pois para onde fores, irei também; onde for tua moradia, será também a minha; teu povo será o meu povo; e teu Deus será o meu Deus. Onde morreres, quero morrer e ser sepultada. Que Javé me mande este castigo e acrescente mais esse, se outra coisa, a não ser a morte, me separar de ti” (v.16-17). Ao ouvir essas palavras, Noemi teve a certeza de que não estaria mais desamparada. Rute assumiu, não somente a sogra, mas o povo de Noemi, com sua história e cultura, com sua tradição e situação, com sua fé e seu Deus. Ela fez esta opção antes de ir para lá e antes de conhecê-lo. Rute entregou sua vida em vista da reconstrução de um povo estrangeiro - para ela -, que ela assumiu como próprio, deixando a possibilidade de ter um esposo e viver tranquila em seu país.

Rute assumiu um povo que se encontrava numa situação crítica, de fome, fraqueza, morte. O povo de Noemi não tinha futuro. Rute abandonou tudo para seguir Noemi, fazendo com ela uma aliança pela vida de seu povo, assumindo sua história, suas tradições e seu Deus. Rute fez a opção por um povo entregue à morte.

Para Mesters, “o motivo da opção de Rute por Noemi é o amor”. Segundo ele, “não há nenhum lucro nem ganho em vista, pois optar por um povo entregue à morte não traz vantagem alguma. Pelo contrário, esta opção leva Rute a renunciar a tudo aquilo que faz a alegria da vida dos outros: casa e marido (1,9.13)²³”.

Os v.19-21 mostram que Noemi e Rute saíram de Moab e chegaram a Belém. Lembra a viagem de Abraão e Sara de Harã a Canaã (Gn 12,5). Não se diz nada da viagem. Noemi parece não perceber os sinais de esperança. Ela é como Sara, velha, sem filhos, descrente. Por não conseguir ver futuro, disse que sua vida era “amargura”.

O v.22 relata a chegada em Belém. Esta se deu “no começo da colheita da cevada”. Portanto, esperança nova à vista. Chegaram a Belém com dois grandes problemas: a vida delas, pois para viver precisavam comer; e a descendência e o futuro delas, que dependia da constituição de uma família.

2º) Rt 2,1-23: recuperar o direito da respiga

Os v.1-3 iniciam relatando que Noemi tinha um parente, por parte de seu marido, que se chamava Booz, nome que expressa amparo, fortaleza. Neste novo contexto, Rute tomou a iniciativa de respigar, declarando-se “decidida a lutar pela subsistência”. Dedicou-se “à tarefa de respigar grãos, segundo o direito em voga, no tocante aos pobres, órfãos e viúvas (2,2)²⁴”. Conforme as leis clânico-tribais, a respiga era direito dos pobres, viúvas e estrangeiros. O Deuteronômio é muito claro em relação a isso (Dt 24,19-22), estando essa lei também prescrita em Lv 19,9-10 e 23,22. E por ser pobre, viúva e estrangeira, Rute foi respigar nos campos de Booz.

Nos v.4-7, Booz, “pessoa importante” (v.1), dono da terra, chegou de Belém e, ao ver Rute, perguntou aos empregados: “Quem é essa jovem?” (v.5). Estes deram-lhe boas referências: “é a moabita que voltou com Noemi” (v.6). Além disto, ela pediu permissão para poder respigar, respeitando o proprietário (v.7a) e demonstrava-se trabalhadora incansável (v.7b). Rute lembra as mulheres estrangeiras, expulsas por Esdras, e Noemi é

22 Paulo F. VALÉRIO, “Teu povo será meu povo, teu Deus será meu Deus - A amizade fraterna: caminho de superação dos limites das religiões e das culturas no livro de Rute, In: *Reb*, v.74, n.294, p.369.

23 Carlos MESTERS, *Rute, uma história da Bíblia*, p.42.

24 Jaldemir VITÓRIO, A narratividade do livro de Rute, In: *Estudos bíblicos*, v.98, p.87.

referência do povo abandonado. A sobrevivência imediata das duas dependia da respiga, que era seu direito.

O relato de Rt 2,7 “dá a entender que este costume havia acabado e as pessoas que respigavam tinham que pedir para fazê-lo, como se fosse uma esmola”. Para além disso, “nem sempre eram respeitadas (2,9.16). Portanto, a ação de Rute abre uma brecha na organização da produção agrícola da época. Tudo isso acontece por causa de uma relação criada entre Rute e Booz. Ao se conhecerem no campo, algo inesperado aconteceu. Parece que, ao ver Rute, Booz se encanta. É a partir desta experiência que Booz re-interpreta e põe em prática a antiga lei que defendia o direito dos pobres”²⁵.

Os v.8-12 revelam que Booz gostou de Rute. Diante de tudo o que ela havia feito por sua sogra, Booz ofereceu-lhe proteção, possibilidade de respigar e água. O motivo se deve porque Rute fizera a opção de não deixar Noemi só, no desamparo. Isso sensibilizou profundamente Booz, que lhe disse: “Que Javé te retribua o que fizeste e que recebas uma farta recompensa da parte de Javé, Deus de Israel, sob cujas asas vieste buscar refúgio!” (v.12). Como Abraão e Sara, Rute deixou sua terra, sua mãe, sua casa, seu povo e a possibilidade de um novo casamento para dedicar-se a Noemi.

Nos v.13-14, Rute sentiu-se “bem acolhida” por Booz. Este não levou em conta os preconceitos existentes em Israel em relação às mulheres estrangeiras e nem o que a Lei de Moisés prescrevia (Dt 7,3-4; Esd 9,1-2.12; 10,10-11; Ne 10,31) e lhe falou “benignamente”. Naquela circunstância, Booz representava os israelitas. Num contexto de rejeição das mulheres estrangeiras, Rute fora bem acolhida por Booz, isto é, em Israel, tendo oferecido uma farta refeição com ele: “Depois de ter comido à vontade, ainda sobrou” (v.14c).

Assim que acabara a refeição, Rute, mulher de luta e tendo consciência de sua condição e da responsabilidade que assumira com Noemi, retornou a respigar e Booz lhe proporcionou mais que uma simples respiga. Foi uma partilha, pois ela não colheu apenas as sobras (v.15-17). “O seu direito foi respeitado além do que a lei exigia”²⁶.

Ao retornar para casa, Noemi e Rute avaliaram o processo. Com a possibilidade da respiga, o problema da fome estava solucionado, por hora, embora não fosse ainda uma solução estrutural, pois continuar respigando significava continuar sendo dependente.

No começo da história, não havia esperança (1,5). No fim do primeiro passo, havia sinais de esperança, mas Noemi não os enxergava (1,20-21). Agora, no fim do segundo, Noemi começa a enxergar. De dentro dos fatos surgiu a solução: ‘Booz tem o direito de resgate sobre nós’ (2,20). Com esta luz, Noemi orienta Rute e planeja o terceiro passo²⁷. Abre-se um novo horizonte.

As leis do levirato e do goelato

O Código Deuteronômico apresenta a lei do *levirato* (Dt 25,5-10) e a Lei da Santidade trata da lei do *resgate das pessoas*, em caso de empobrecimento (Lv 25,35-46), e do *resgate das terras*, chamadas lei do *go’el* ou *goelato* (Lv 25,23-34). Essas leis estão ligadas ao ano jubilar. Os capítulos 3 e 4 de Rute estão entrelaçados com essas leis, por isso, retomamos o sentido das mesmas.

a) Lei do levirato

A palavra *levirato*, do latim *levir*, é a tradução do termo hebraico *yabam*: cunhado. No Antigo Testamento essa lei é ilustrada por dois exemplos: a história de Tamar (Gn 38) e a de Rute. Assim prescreve a Lei deuteronômica:

25 Mercedes LOPES, O livro de Rute, In: *Ribla*, v.52, p.98.

26 Carlos MESTERS, *Rute, uma história da Bíblia*, p.54.

27 Carlos MESTERS, *Rute, uma história da Bíblia*, p.54.

Quando dois irmãos moram juntos e um deles morre, sem deixar filhos, a mulher do morto não sairá para casar-se com um estranho à família; seu cunhado virá até ela e a tomará, cumprindo seu dever de cunhado. O primogênito que ela der à luz tomará o nome do irmão morto, para que o nome deste não se apague em Israel” (Dt 25,5-6).

A sequência do relato (Dt 25,7-10) determina o que deveria ser feito àquele que, porventura, não aceitasse cumprir o dever de cunhado: a) diante de sua recusa, a viúva devia levar o caso aos anciãos junto à porta da cidade (v.7); b) os anciãos deviam convocar o cunhado dela e tentar convencê-lo desta responsabilidade (v.8); c) este não aceitando, na presença dos anciãos, sua cunhada tirar-lhe-ia a sandália do seu pé, cuspiria em seu rosto e deveria dizer a ele: “É isto que se deve fazer a um homem que não edifica a casa do seu irmão!” (v.9); d) este levaria o apelido de “casa do descalçado” (v.10).

Tendo um filho com a cunhada, a propriedade do irmão falecido passaria para este filho, não havendo concentração de terra numa única pessoa - no caso, do irmão vivo, ao qual passaria a terra -, e o nome do falecido não se apagaria da memória. Para De Vaux,

a razão essencial [desta lei] é a de perpetuar a descendência masculina, o ‘nome’, a ‘casa’, e é por isso que a criança (provavelmente só a primeira) de um casamento levirático é considerada filha do falecido. Não é somente um motivo sentimental, é a expressão da importância dada aos laços de sangue. Uma razão concomitante é a de evitar a transferência dos bens da família. Essa consideração aparece em Dt 25,5, que põe como condição do levirato que os irmãos vivam juntos, e, na história de Rute, ela explica que o direito de resgate da terra esteja ligado com a obrigação de casar-se com a viúva. A mesma preocupação se encontra na legislação do jubileu, Lv 25, e na lei sobre as filhas herdeiras, Nm 36,2-9²⁸.

Esta lei tinha, portanto, por finalidade “garantir a continuidade do nome” e, ao mesmo tempo, “a continuidade da família, da ‘pequena família’²⁹, impedindo que, por falta de um herdeiro, ela se acabasse. Perpetuar o nome e garantir a terra à família parecem ser as finalidades principais dessa lei.

b) Lei do goelato

Para De Vaux, “os membros da família em sentido amplo devem uns aos outros ajuda e proteção”. A prática desse dever era regulada pela “instituição do *go’el*, palavra procedente de uma raiz que significa ‘resgatar, reivindicar’, e, mais fundamentalmente, ‘proteger’. O *go’el* é um redentor, um defensor, um protetor dos interesses do indivíduo e do grupo”. Ele pode intervir em certos casos. Se um israelita necessitasse vender-se como escravo para pagar uma dívida, ele deveria “ser resgatado por um de seus parentes próximos (Lv 25,47-49)”. Quando um israelita necessitasse “vender seu patrimônio, o *go’el* tem direito preferencial na compra, pois é muito importante evitar a alienação dos bens da família”³⁰.

A Lei da Santidade prescreve algumas possibilidades:

1º) **Na perda da terra:** o texto de Lv 25,23-25 assim determina:

A terra não será vendida perpetuamente [...]. Para toda propriedade que possuídes, estabelecereis o direito de resgate para a terra. Se o teu irmão cair na pobreza e tiver de vender algo do seu patrimônio, o seu parente mais próximo virá a ele, a fim de exercer seus direitos de família sobre aquilo que vende o seu irmão”.

28 R. de VAUX, *Instituições de Israel no Antigo Testamento*, p.61.

29 Maria Aparecida de CASTRO, Rute: símbolo da força feminina, In: *Estudos bíblicos*, v.29, n.114, p.113.

30 R. de VAUX, *Instituições de Israel no Antigo Testamento*, p.43.

Significa que quando alguém era obrigado a desfazer-se de sua terra por causa do empobrecimento, do endividamento, o parente mais próximo (*go'el*) tinha a obrigação de resgatá-la, isto é, deveria comprá-la de volta, não para si mesmo, mas para o parente empobrecido (Lv 25,23-25). Se alguém incorresse na perda da terra, não tendo ninguém para exercer esse direito, tinha o direito de recuperá-la de volta no momento em que obtivesse recursos (Lv 25,26-27), não tendo essa possibilidade a receberia de volta no jubileu (Lv 25,28). Depois o texto trata da casa própria, fazendo ver que todos tinham o direito de tê-la e de recuperá-la (Lv 25,29-31). O relato de Lv 25,32-34 trata do direito perpétuo dos levitas à casa.

2º) **Na venda como escravo:** o texto de Lv 25,47-49 prescreve:

E se o estrangeiro ou o hóspede que vive contigo se enriquecer e teu irmão que vive junto dele se empobrecer e se vender ao estrangeiro ou ao hóspede ou ao descendente da família de alguém que reside entre vós, gozará do direito de resgate, mesmo depois de vendido, e um de seus irmãos poderá resgatá-lo. O seu tio paterno poderá resgatá-lo, ou o seu primo, ou um dos membros da sua família; ou se conseguir recursos poderá resgatar-se a si mesmo”.

Para De Vaux, Lv 25,49 “mostra que o direito do *go'el* era exercido segundo certa ordem de parentesco”, assim, pois, apresentada: “primeiro o tio paterno, depois o filho deste, finalmente os outros parentes”³¹. Nisto se explica a ação de Booz, no livro de Rute (4,5ss).

3º) **Rt 3,1-18: recuperar o direito de resgate das pessoas - levirato**

Se no capítulo dois, Rute “encurvou-se” para respigar, no capítulo três ela se apresenta de forma mais ousada. Noemi iniciou-a “nos saberes e poderes de sedução”. Avalia “a conjuntura, identifica os personagens e descobre uma alternativa para a sua amargura. Cinderela antes da outra, Rute também vai passar dos trapos da trabalhadora humilhada para a beleza provocadora, que re-significa o corpo”. O se objetivo agora “é merecer os olhares e o desejo de um homem que pode mudar a sua vida”³².

“Da proteção de Booz em geral passa-se à proteção concreta, também provocada pelo procedimento de Rute movida pelos conselhos de sua sogra”³³. Assim, no término da colheita, os v.1-5 mostram que Noemi orientou Rute em vista da hora decisiva para que Booz exercesse ou cumprisse o direito de resgate e se casasse com ela/Rute, garantindo definitivamente a vida de Rute e também a de Noemi. “Rute é obediente à sua sogra e não age por interesse sentimental (cf. Rt 3,11) mas por lealdade à família na qual se integrou”³⁴.

Os v.6-15 descrevem a noite na eira. Tudo aconteceu conforme Noemi previu e orientou. Rute foi à eira de Booz e passou a noite com ele. Não lhe pediu favores, mas apelou para o direito que a lei lhe dava: “Sou Rute, tua serva. Estende teu manto sobre tua serva, pois tens o direito de resgate” (3,9). Ao longo de toda a narrativa, Booz demonstrou-se sempre “bem intencionado” para com Rute, que, na ocasião, lembrou-o de suas obrigações, conforme as leis do *go'el* e do levirato.

A resposta de Booz indica que ele abraçou a causa dela: “Bendita sejas por Deus, minha filha; este teu novo ato de piedade excede o primeiro, pois não procuraste jovens, pobres ou ricos. E agora, minha filha, não tenhas medo: far-te-ei tudo quanto disseres, pois toda a população desta cidade sabe que és uma mulher virtuosa” (3,10-11). Depois destas palavras de Booz, Rute teve a certeza de que conseguiu tudo o que desejava, sendo reconhecida, literalmente, como “mulher forte” (3,11). A fala de Booz, nos v.12-13,

31 R. de VAUX, *Instituições de Israel no Antigo Testamento*, p.44.

32 Nanci C. PEREIRA, *De olhos bem abertos – erotismo nas novelas bíblicas*, In: *Ribla*, v.38, p.140.

33 Enrique C. MELERO, Rute, In: S. G. OPORTO; M. S. GARCÍA, *Comentário ao Antigo Testamento I*, p.625.

34 Enrique C. MELERO, Rute, In: S. G. OPORTO; M. S. GARCÍA, *Comentário ao Antigo Testamento I*, p.625.

apresenta a Rute a última garantia de que ela necessitava: “Ora, realmente tenho o direito de resgate, mas há um outro parente mais próximo que eu. Passa a noite aqui e amanhã cedo, se ele quiser exercer seu direito de resgate sobre ti, está bem, que ele te resgate; se, pelo contrário, não quiser te resgatar, eu te resgatarei; juro pela vida de Javé!” Com isso, Rute garantiu o seu futuro e o de Noemi.

Os v.16-18 relatam o retorno de Rute à casa de sua sogra. Neste retorno, ela carregou às costas “seis medidas de cevada” (v.15.17). Ela dirigiu-se para casa com as palavras de Booz: “Não voltarás de mãos vazias para junto de tua sogra” (v.17). Trata-se de sua boa disposição para com Rute. Noemi lhe garantiu que a solução definitiva estava próxima. Tinha toda a certeza de que Booz cumpriria todos os deveres legais. Casando-se com Booz, a terra de Elimelec passaria a ser de Booz, garantindo a vida e o futuro tanto de Rute quanto de Noemi.

4º) Rt 4,1-12: o tribunal à porta da cidade: recuperar o direito de resgate da terra - *goelato*

O episódio ocorreu na “porta da cidade”, espaço ou *fórum* onde eram realizadas as grandes decisões, por exemplo: de condenação e apedrejamento de uma pessoa (Dt 22,23-24), de julgamento (Am 5,10.12.15), ou mesmo curas, como fez Jesus (Mc 1,32-34). Neste espaço foi reunido o tribunal, órgão com competência jurídica para decidir questões jurídicas, como a de Booz.

A estrutura concêntrica desta subunidade ressalta muito bem a questão central do relato, ou seja, a união da lei do resgate da terra com a lei do resgate da pessoa. Ou seja, “só adquire a terra de Noemi quem casa com Rute (4,5-8)”³⁵.

“A novidade proposta no livro de Rute é de que já não é possível adquirir a terra de um pobre sem levar em conta a situação da família desse pobre”. Assim, quem quisesse “adquirir o terreno de Noemi” deveria, ao mesmo tempo, “assumir toda a situação da família dela. E o jeito de fazer isso era casar com Rute para que a família de Noemi pudesse continuar na posse da terra, como afirma Booz, para que ‘a herança do falecido continuasse com o nome dele’ (Rt 4,5)”. Desta forma, Booz “uniu a Lei do Resgate, que dava direito de adquirir a terra do irmão pobre, e a Lei do Levirato, que impunha o dever de casar com a viúva”³⁶.

A palavra “resgatador” (*go’el*) “tem um sentido libertador solidário”. Trata-se de uma das palavras mais repetida no capítulo 4. Outra palavra repetida diversas vezes é “nome” (*shem*), indicando a “ação de manter a memória do nome da pessoa falecida, através da lei do levirato. Estas duas ações, resgatar a terra e manter a memória, fazem parte do compromisso assumido naquela noite”, na eira (Rt 3,1-18). “Booz faz questão de ratificar, diante do povo, a legalidade da ação que pretende realizar. E Rute, a moabita, é acolhida e reconhecida pelo coro do povo e dos anciãos (4,11) [...]. O pedido deixa entrever o sonho do tribalismo e a nova esperança que está surgindo”³⁷.

Os v.1-8 mostram que antes de Booz havia um outro parente de Elimelec com o direito de resgate da terra. Este queria apenas a terra, sem assumir o cuidado de Rute e de Noemi. Não queria ser solidário com os pobres. O livro de Rute contesta esta falta de solidariedade para com os pobres na época persa. Por isso, o direito de resgate ficou para Booz. Carlos Mesters diz que

aqui aparece a raiz do problema do povo. No começo da história apareceu o problema da falta de pão. Durante a busca do pão, apareceu o problema da família, do clã. E agora, enquanto se busca uma solução para o problema da

35 Carlos MESTERS, *Rute, uma história da Bíblia*, p.67.

36 Maria A. de CASTRO, Rute: símbolo da força feminina, In: *Estudos bíblicos*, v.29, n.114, p.114.

37 Mercedes LOPES, O livro de Rute, In: *Ribla*, v.52, p.99.

família, aparece o problema da terra. Noemi corre o perigo de perder o terreno da família. A sua situação é a imagem da situação dos pobres daquele tempo. Eles estavam perdendo a sua dupla defesa: a família e a terra!³⁸.

Nos v.9-12, Booz exerceu o direito de resgate, ficando com os bens de Elimelec (v.9) e assumindo Rute e Noemi. Booz cumpriu a lei do levirato, casando-se com Rute. A família de Noemi, ameaçada de extinção, se recuperou, passou a sobreviver, tendo futuro e esperança. Graças ao cumprimento dessas leis, ocorreu uma transformação total. Tratam-se de leis que apontam para a solidariedade e o fortalecimento dos laços familiares, tendo em vista a defesa dos pobres. Segundo José Josélio da Silva,

Booz exerce o direito de resgate, ao comprar de Noemi as terras que pertenciam a Elimelec e a seus filhos, sem a preocupação de comprometer seu patrimônio, pois ele sabe que estará dando a Rute um filho, o qual será o herdeiro da herança de Elimelec. Ao mesmo tempo, Booz adquire Rute como mulher não propriamente para ser sua esposa, mas, com a finalidade de perpetuar o nome do falecido Maalon a quem pertencerá a posteridade. A relação entre Rute e Booz [...] é primeiramente uma relação heteronormativa e patriarcal para preservar a descendência e a terra da família³⁹.

Rt 4,13-22: realidade final: casamento - há pão, terra, filho

Booz casou-se com Rute (v.13). A esperança que começou a aparecer, desde o primeiro passo, agora se realizou de fato.

Nasceu-lhes um filho: "Booz desposou Rute, que se tornou sua esposa. Uniu-se a ela e Javé deu a Rute a graça de conceber e ela deu à luz um filho" (v.13). "As vizinhas deram-lhe um nome, dizendo: 'Nasceu um filho a Noemi' e chamaram-no de Obed" (v.17).

Para quem só via fome, amargura, doença..., este filho é símbolo de libertação. Da amargura, Noemi agora vive a graça: Deus foi-lhe ao seu encontro (v.14). Este menino "será para ti um consolador e um apoio na tua velhice" (v.15). Rute, a mãe do menino, "que te ama, para ti vale mais do que sete filhos" (v.15). Noemi tem a alegria de tomar o menino nos braços e "serviu-lhe de ama" (v.16).

O menino trouxe futuro e ânimo para a família. Chama-se Obed, isto é, servo, a serviço do povo para que este tenha terra e pão. A palavra *obed*, servo ou serviço, serviço fraterno, demonstra a única atitude capaz de tornar verdadeiramente humana uma sociedade. Ela traduz o "relacionamento fundamental" que deve acontecer entre as pessoas: servir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura do livro de Rute faz ver, por um lado, que sua narrativa é quase toda tecida de diálogos. São os diálogos que constroem saídas diante das mais variadas crises existenciais. Em decorrência disto, o livro apresenta "o amor, a amizade fraterna, a solidariedade, a ternura como formas de superação dos conflitos" impostos pela sociedade⁴⁰. "O amor leva Rute a resgatar a identidade, o sentido comunitário, a alegria de viver, a fé, a esperança e o futuro do povo de Noemi (Rt 4,11-16)". Sendo marginalizada, excluída, "entrega sua vida para a reconstrução de um povo estrangeiro, que ela assume como próprio". Na aliança que Rute fez com Noemi, "ela assume o

38 Carlos MESTERS, *Rute, uma história da Bíblia*, p.70.

39 José Josélio da SILVA, Rute e Noemi, o resgate das leis na defesa das relações afetivas e a união civil entre pessoas do mesmo sexo, In: *Estudos bíblicos*, v.87, p.51.

40 Paulo Ferreira VALÉRIO, "Teu povo será meu povo, teu Deus será meu Deus" (Rt 1,16) A amizade fraterna: caminho de superação dos limites das religiões e das culturas no livro de Rute, In: *Reb*, v.74, n.294, p.363.

destino dela, que também passa a ser o seu. Faz isto por amizade e também pela profunda solidariedade que une os pobres”⁴¹.

O que moveu Elimelec e sua família a mudar-se para os campos de Moab (Rt 1,1) foi a fome. “A pobreza, com tudo o que ela comporta, desconhece as barreiras das culturas e das religiões”. “Antes de acompanhar Noemi, Rute estava ‘em casa’”, contando “com sua mãe, seu povo, seu deus (Rt 1,15), e certamente não lhe faltava o pão, pois não se fala de carestia em Moab”. Isso faz ver que “não é sua carência pessoal que a faz acompanhar Noemi, mas é a penúria de Noemi que a move a tal escolha”⁴². O que motivou Rute em sua decisão de caminhar com Noemi para Judá foi o sentimento de que o outro, a outra pessoa, necessitada, é o próximo que precisa da sua companhia, do seu serviço e da sua força para superar suas dificuldades. Encontra-se nesta atitude um sentimento humanitário. Foi a amizade fraterna e a solidariedade que a fez tomar essa decisão. Por isso, Rute tornou-se merecedora do cumprimento da lei da respiga e do resgate, casando-se com Booz, com o qual deu à luz a Obed, herdeiro que garantiu a posteridade para si e para a sua sogra. Isso a fez passar para a história como uma “mulher virtuosa”, ou melhor, uma “mulher forte” (Rt 3,11). Neste sentido, o livro de Rute aponta a necessidade da solidariedade nas relações interpessoais.

Ao criarem formas alternativas de sobrevivência, Noemi e Rute “se dão conta de que não estão sozinhas. Elas descobrem que fazem parte de uma história que vem de longe (Rt 2,20-21). Estão também ligadas a muitas outras famílias que, no momento, estão lutando pela sobrevivência. Amplia-se a aliança [...]. Solidarizam-se com o sonho de vida dos pobres de Judá (Rt 4,11). Refletem sobre a possibilidade de saída” no contexto em que se encontram⁴³. Segundo Célio de Pádua Gracia, o livro de Rute

se coloca na história, tanto de Israel como a universal, como o drama dos pobres, desvalidos, entregues ao infortúnio, que são forçados a deixar suas terras à procura de lugares melhores devido à fome, à seca e à miséria que assolam seus países [...]. Esta história é profundamente reveladora de uma história muito mais ampla, pois nos revela as relações dos seres humanos e, por conseguinte, de Deus com seu povo e com os outros povos. Podemos afirmar que Deus se revela como Deus da humanidade e não de um povo específico, Ele é o Deus da criação⁴⁴.

Por isso, o compromisso do Deus de Israel é com todos os povos e não apenas com os israelitas.

O livro de Rute, em linguagem sapiencial, apresenta um profundo caráter profético. Trabalha a necessidade do próprio povo construir o seu futuro. A memória do tribalismo e de suas leis clânico-tribais e o resgate das mesmas para dentro do contexto pós-exílico persa era “o” caminho que os pobres deviam seguir para poderem sobreviver. Era isso que o livro de Rute queria dizer para o povo de seu tempo.

A reconstrução do povo de Israel, depois da avalanche babilônica de 597 e 587 a.C. (2Rs 24-25) e da política persa, dependia da mudança de mentalidade e das práticas. Por isso, era preciso mexer na estrutura da sociedade. Rute é um livro de resistência ativa. Foi escrito com o objetivo de mostrar, para os pobres, que havia saídas. Para isso era necessário consciência crítica, união, mobilização e organização por seus direitos. Ele faz

41 Mercedes LOPES, Aliança pela vida: uma leitura de Rute a partir das culturas, In: *Ribla*, v.26, p.113.

42 Paulo Ferreira VALÉRIO, “Teu povo será meu povo, teu Deus será meu Deus” (Rt 1,16) A amizade fraterna: caminho de superação dos limites das religiões e das culturas no livro de Rute, In: *Reb*, v.74, n.294, p.375.

43 Mercedes LOPES, Aliança pela vida: uma leitura de Rute a partir das culturas, In: *Ribla*, v.26, p.114-115.

44 Célio de Pádua GRACIA, Uma leitura do livro de Rute: mulheres pobres e transgressoras do judaísmo, In: *Estudos bíblicos*, v.29, n.114, p.102.

uma releitura do Êxodo num novo contexto de escravidão. Procurou mostrar que a vitória do povo é possível. O livro, no conjunto de sua narrativa, revela que essa luta deu certo! Para Maria Antônia Marques,

o livro de Rute nasceu de grupos que se organizaram para sobreviver. Uma das estratégias era a releitura e atualização de antigas leis, como a da respiga, do resgate [da terra] e do levirato. O objetivo era proteger as mulheres estrangeiras, defendendo a justiça e a solidariedade como valores fundamentais na reconstrução do povo. Era um protesto contra a política pós-exílica de isolamento social e eliminação dos estrangeiros, defendida pela teocracia de Jerusalém. Ao colocar uma mulher moabita como modelo de solidariedade e como ancestral de Davi, a história propunha o acolhimento de estrangeiros e protestava contra a proibição de casamentos mistos⁴⁵.

No contexto de rejeição dos estrangeiros, o livro de Rute apresenta, de modo extraordinário, uma estrangeira, moabita, como “espelho no qual os judaítas devem mirar-se para enxergar sua própria condição”. “Diante das ações de Rute, os judaítas tomam consciência de sua própria identidade, de suas necessidades, de suas limitações. Quando isso acontece, tendo cumprido seu papel, Rute desaparece. Na verdade, o estrangeiro/a, diz o autor/a da estória, não destrói a identidade judaíta, como pensam [pensavam] os líderes de Jerusalém, mas a revela”. Por isso, “Rute é uma proposta. Rute é um paradigma” e, podemos dizer mais, sempre atual⁴⁶.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALANATI, Leonardo. Releituras rabínicas do livro de Rute. In: *Estudos Bíblicos*, 98, Petrópolis: Vozes, p.72-76, 2008.
- ANDRADE, Altamir Celio de. A amizade no Livro de Rute: identidades descentradas. In: *Ribla*, 68, São Bernardo do Campo: Nhanduti Editora, p.41-54, 2015.
- ARELLANO, Lucio Rubén Blanco. Booz ... – Para uma masculinidade de doação. In: *Ribla*, 56, Petrópolis: Vozes, p.72-89, 2007.
- BENJUMEA, Olga Lucia Álvarez. O livro de Rute, bordado à mão. In: *Ribla*, 67, São Bernardo do Campo: Nhanduti Editora, p.59-68, 2010.
- CASTRO, Maria Aparecida de. Rute: símbolo da força feminina. In: *Estudos Bíblicos*, 114, Petrópolis: Vozes, p.109-118, 2012.
- DUQUE, Maria Aparecida e PUYLGA, Rosana. O protagonismo de uma sogra: a história de Noemi e Rute. Uma abordagem feminina sob o olhar da psicologia. In: *Estudos Bíblicos*, 98, Petrópolis: Vozes, p.121-129, 2008.
- GRACIA, Célio de Pádua. Uma leitura do livro de Rute: mulheres pobres e transgressoras do judaísmo. In: *Estudos Bíblicos*, 114, Petrópolis: Vozes, p.97-108, 2012.
- LOBOSCO, Ricardo Lengruber. A solidariedade familiar. In: *Estudos Bíblicos*, 85, Petrópolis: Vozes, p.22-29, 2005.
- LOPES, Mercedes. Aliança pela vida. Uma leitura de Rute a partir das culturas. In: *Ribla*, 26, Petrópolis: Vozes, p.110-116, 1997.
- LOPES, Mercedes. O livro de Rute. In: *Ribla*, 52, Petrópolis: Vozes, p.88-100, 2005.
- MARIANNO, Lília Dias. Sogra e nora: parceiras? Viúvas e estrangeiras sobrevivendo à fome (Rut). In: *Ribla*, 66, São Paulo: Metodista, p.115-128, 2016.
- MARQUES, Maria Antônia. Os caminhos da sobrevivência. Uma leitura do livro de Rute. In: *Ribla*, 63, São Bernardo do Campo: Nhanduti Editora, p.79-86, 2009.

45 Maria Antônia MARQUES, Os caminhos da sobrevivência: uma leitura do livro de Rute, In: *Ribla*, v.63, p.85.

46 Airton José da SILVA, Leitura socioantropológica do livro de Rute, In: *Estudos bíblicos*, v.98, p.119.

- MELERO, E. C. Rute, In: OPORTO, S. G.; GARCÍA, M. S. (Com. Edit.). *Comentário ao Antigo Testamento I*. São Paulo: Ave-Maria, 2002.
- MESTERS, Carlos. Casos de imaginação criativa. In: *Estudos Bíblicos*, 42, Petrópolis: Vozes, p.20-27, 1994.
- MESTERS, Carlos. *Rute, uma história da Bíblia: pão, família, terra! Quem vai por aí não erra!* São Paulo: Paulinas, 1985.
- PEREIRA, Nancy Cardoso. De olhos bem abertos: Erotismo nas novelas bíblicas. In: *Ribla*, 38, Petrópolis: Vozes, p.135-146, 2001.
- PRADO, José Luiz Gonzaga. O livro de Rute à luz do método histórico-crítico. In: *Estudos Bíblicos*, 98, Petrópolis: Vozes, p.77-84, 2008.
- ROSA MARTINS, Patrícia Zaganin. Deus visitou o seu povo dando-lhe pão: A luta pela sobrevivência no livro de Rute. In: *Estudos Bíblicos*, v.35, n.137, Petrópolis: Vozes, p.57-70, 2018.
- SILVA, Airton José da. Leitura socioantropológica do Livro de Rute. In: *Estudos Bíblicos*, 98, Petrópolis: Vozes, p.107-120, 2008.
- SILVA, José Josélio da. Rute e Noemi: O resgate das leis na defesa das relações afetivas e a união civil entre pessoas do mesmo sexo. In: *Estudos Bíblicos*, 87, Petrópolis: Vozes, p.46-56, 2005.
- SOUZA, Sílvia. Em busca da Saúde Social com Rute e Noemi. In: *Estudos Bíblicos*, 111, Petrópolis: Vozes, p.9-16, 2011.
- VALÉRIO, Paulo Ferreira. “Teu povo será meu povo, teu Deus será meu Deus” (Rt 1,16). A amizade fraterna: caminho de superação dos limites das religiões e das culturas no livro de Rute. In: *Reb* 74, fasc.294, Petrópolis: Vozes, p.362-392, 2014.
- VAUX, Roland de. *Instituições de Israel no Antigo Testamento*. São Paulo: Teológica, 2003.
- VITÓRIO, Jaldemir. A narrativa do livro de Rute. In: *Estudos Bíblicos*, 98, Petrópolis: Vozes, p.85-106, 2008.